

*Nossa ação, mesmo a totalidade de nosso ser, incluindo tanto o bonito como o feio, o certo como o errado, o grande como o pequeno, parece provir de um acervo de possibilidades, de modo que elas se relacionam com seu conceito, que expressa a sua lei interior e a sua essência lógica, sem que a significação deste conteúdo dependa do se, como e quão frequentemente ocorre sua realização”*  
(SIMMEL, 2005 apud SOUZA; ÖELZE, 2005, p. 48)

As possibilidades do eu sugere a interpretação de indivíduos únicos inseridos num contexto onde a tendência é massificar e automatizar. Interpretamos quem somos a partir de elementos que nos identificam com o mundo externo e entramos em crise quando não nos vemos refletidos no que há de senso-comum. Nesse sentido, ao nos caracterizar sugerimos a interpretação e apresentação individual construída e explanada por nossas condições já subjugadas. Nos compartimentamos até caber em moldes e estipulamos o sentimento de pertencer a partir de simulacros impostos por uma sociedade que padroniza.

Ao nos relacionar em tendências, mais que fragmentar, nos manifestamos entre capas e aparências que nos rotulam como igual. E ao esbarrar nas bordas, encaramos um real atrofiado - o choque que sugere a necessidade de transmutar\*.

A transmutação fica clara em *Shaping You - Moldando Você* não apenas pelos corpos retratados, mas pela maneira em que a artista nos apresenta a imagem. Trata de Vênus fora dos padrões clássicos e embute numa mesma forma conceitos contraditórios que nos instigam a entender a beleza como algo impossível de ser rotulado. Há uma quebra de estereotipo do corpo perfeito no pedestal que nos sugere outras maneiras de observar o belo. Assim, a beleza se transmuta e adquire novos hábitos de se manifestar.

Já em *Perfil*, a artista nos alerta sobre a perda de identidade do corpo-maquina, que se relaciona intimamente com aparatos tecnológicos atrofiando suas próprias funções físicas,

psicológicas e intelectuais. É um corpo que se manifesta a partir de uma construção do eu virtual onde não existe uma imagem semelhante, mas a projeção do ideal - construído a partir da relação ambígua entre o que eu sou e o que eu quero ser. Dessa maneira, forma-se o eu-avatar e sua [in]consciência.

Em *Outline of self* a artista segue na construção de identidades e nos apresenta o componente alma - que apesar de sua inviabilidade, vira imagem-matéria pelas silhuetas disformes. O corpo está transtornado recebendo a si próprio em outra dimensão e sua imagem, apesar de grotesca, se apresenta por seu contraste e pela beleza genuína, interna e sem tabus. Ao propor o corpo performático, Giovanna exorciza o interior que nos encara e nos leva a um nova perspectiva do eu.